



POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
LISBOA - 2

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

O SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITOU O ALGARVE

Em viagem particular esteve no Algarve acompanhado de sua esposa, o sr. Almirante Américo Thomaz, ilustre Chefe do Estado. Esteve em Sagres, no dia 8, onde inaugurou melhoramentos no Centro Social da Casa dos Pescadores.

APRECIACÕES AO POETA EMILIANO DA COSTA

Do ilustre jornalista J. Rebelo de Bettencourt, transcrevemos do «Diário dos Açores», com a devida vénia, as apreciações feitas ao poeta Emiliano da Costa e as referências à nossa terra, o que gentilmente agradecemos.

Da populosa e pitoresca cidade de Tavira — uma das flores mais belas dessa província — jardim que é o Algarve, fez anos no dia 3 de Dezembro um Poeta. Nada menos de 80 anos. Bonito rol na verdade. Chama-se esse Poeta, Emiliano da Costa. Poeta e médico. Se muitos dos

(Continua na 2.ª página)

Prémios da Fundação Vale-Flor

Os Prémios da Fundação Vale-Flor, destinados a recompensar actos heróicos, praticados por crianças, foram entregues em Silves, a Regina dos Anjos Branco, de 13 anos, que em Castrelos, Bragança, arrancou das garras de um lobo o seu irmãozinho de 6 anos, e a Vitor Hugo Lima Pereira, de 14 anos, escuteiro, que na praia do Carvoeiro se atirou ao mar, uniformizado, a fim de salvar um homem que estava em risco de se afogar. A sessão foi presidida pelo sr. Governador Civil do Distrito.

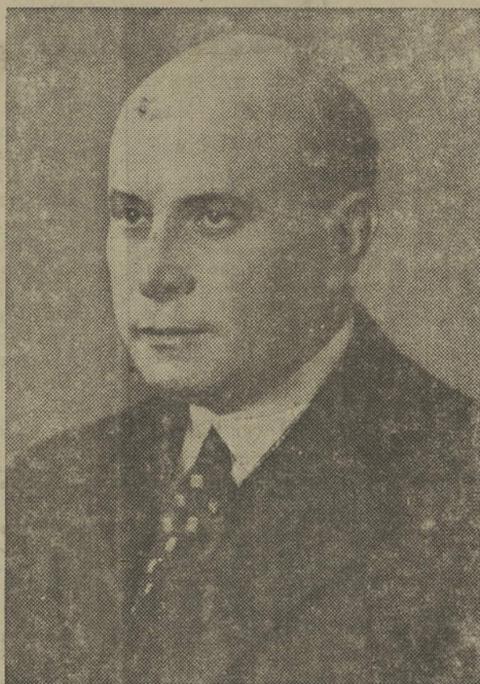
Os Turistas Americanos que visitaram TAVIRA

Os casais norte-americanos que visitaram Tavira, conforme carta que demos à estampa no nosso último número. E-los sorridentes, em frente do Café-Restaurante Mira, onde foram tratados principalmente prontos a partir numa típica carroça algarvia, para um alegre passeio pela cidade.

Conforme carta de Bethy Paycox, publicada no jornal americano «Akron Beacon Journal» como se fizessem parte dum elenco de comédia musical todos cantaram chamando as atenções dos transeuntes.

Isto é a prova absoluta de que Tavira sabe receber os estrangeiros que partem daqui com saudades expandindo as suas belezas naturais e os seus dotes de hospitalidade na imprensa estrangeira.

É com o belo exemplo dado, pelos proprietários do Restaurante Mira, pelo sr. Brigadeiro Eduardo Santos e sua esposa que Tavira poderá elevar-se no conceito turístico internacional.



VERDADES QUE FEREM!

FOI com certo pesar que tomamos conhecimento da detenção de certo número de estudantes, que a soldo de estrangeiros, tentam denegrir a História da sua Terra.

Felizmente que para Portugal é um número deminuto o daqueles que andam transviados.

Mas olhando bem, não serão também certos pais, culpados do que se vem passando com seus filhos?

Parece que ser-se pai, não é só mandar educar os filhos, pelos outros. Os pais, devem deixar um pouco mais os seus ócios e repararem naquilo que os filhos fazem ou podem fazer.

Se cada um tomar para si, um pouco de responsabilidade que lhe cabe, na educação familiar, não terão tanto trabalho os mestres e tudo sairá melhor.

E mesmo sem querer, somos obrigados a transcrever algumas das douradas palavras que disse o sr. Ministro do Interior.

(Continua na 2.ª página)

Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO

O RELOGIO DA TORRE!

É noite. Queremos escrever a nossa habitual «Crónica de Lisboa». Lá dentro a companhia de todos os dias manejava as agulhas do seu tricot, enquanto nós, sósinhos, recor-

«Correio do Sul»

Completo 46 anos de existência este nosso prezado colega, semanário regionalista, inteligentemente dirigido pelo distinto escritor e jornalista sr. Dr. Mário Lyster Franco, denodado defensor dos interesses algarvios.

Endereçamos por tal motivo ao seu ilustre Director, felicitações com votos de muitas prosperidades para o seu bem orientado jornal.

OS ANTIGOS QUINTAIS

DAS coisas que infelizmente vão desaparecendo, os quintais das casas das cidades é uma das que fazem mais pena. Os prédios modernos já não os têm. O homem, por assim dizer, dispensa-se do contacto com a terra.

Os quintais das terras provincianas eram bucólicos e úteis, sob muito variados pontos de vista. Pequenos, por vezes apenas uma nesga, e cheios de viçosas plantas. Na estação primaveril enchiam-se de flores cujo aroma circulava na rua. Cheirava a rosas, a madressilva, a jasmims, a goivos. A verdura escorria pela velha parede e vinha assomar-se ao quintal vizinho, à rua ou largo, para onde dava. Flores de trepar, armadas em latada, pequenas árvores tenras ou velhos troncos românticos, de oliveiras ou amendoeiras, as pe-reiras e os damasqueiros em flor, eram ornato que toda a vizinhança usufruía gratuitamente.

O dono da casa entretinha-se (que útil e grato recreio!) a cuidar do seu quintal. En-

(Continua na 2.ª página)

O SR. MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS VISITARÁ O ALGARVE

No próximo dia 19 do corrente deverá visitar o Algarve o sr. Ministro das Obras Públicas que se deslocará de avião a Faro, onde na parte da manhã, apreciará o problema das estradas de Faro, da Avenida de St.º António, da arborização da Pontinha, valorização da parte antiga da cidade e do restauro do Convento das Freiras.

Deverá também visitar as novas instalações da coleção de arte oferecida pelo sr. Dr. Ferreira de Almeida, agora alojada na antiga sala do tribunal.

Em seguida ao almoço, que deverá ser servido em Albufeira, visitará Silves, Portimão e Lagos, devendo nesse mesmo dia regressar de avião a Lisboa.

APONTAMENTOS PARA O MUSEU DE ARTE SACRA

Após uma interrupção a que fomos forçados por razões de ordem técnica voltamos hoje a publicar a continuação de Apontamentos para o Museu de Arte Sacra, de autoria do nosso prezado colaborador, sr. Alvaro Pais.

ESTEVE NO ALGARVE E VISITOU TAVIRA O SENHOR DIRECTOR-GERAL DA FAZENDA PÚBLICA

A fim de tratar de problemas relacionados com o funcionamento das Termas das Caldas de Monchique, esteve naquela excelente estância balnear o sr. Dr. António Cândido Monteiro Guerreiro, ilustre Director-Geral da Fazenda Pública, acompanhado do seu secretário sr. Fernando de Mendonça e Silva, grande amigo do Algarve, que ali conferenciou com os senhores Dr. Romão Duarte, Governador Civil do Distrito, Coronel Sousa Rosa, deputado pelo Algarve na Assembleia Nacional e Dr. Mário Lyster Franco, director do nosso prezado colega «Correio do Sul».

Após aquela reunião sobre esse assunto de grande interesse para o Algarve, que se arrastou durante largos anos e hoje se encontra em franca realização, o senhor Director-Geral da Fazenda Pública,

(Continua na 2.ª página)

NOVO COMANDANTE DISTRITAL DA LEGIÃO PORTUGUESA

Foi nomeado Comandante Distrital da Legião Portuguesa, o nosso comprouvenciano sr. Coronel Joaquim dos Santos Gomes. Após a demissão pedida pelo sr. Coronel Manuel das Dores dos Santos Madeira Junior, aquelas funções têm sido exercidas pelo Comandante de Lança mais antigo, sr. Alfredo Timóteo Ferro Galvão, digno presidente da Câmara Municipal de Olhão.

A fim de empossar o novo Comandante Distrital da Legião Portuguesa, desloca-se proposadamente ao Algarve o sr. General Barbieri Cardoso, Comandante-Geral da Legião Portuguesa.

Ao novo Comandante Distrital da L.P., distinto oficial e devotado nacionalista, endereçamos os nossos cumprimentos com votos de muitas prosperidades no desempenho das suas altas funções.

O CAPITÃO VITOR CASTELLA FOI CONDECORADO

Por portaria de 24/11/1964, publicada na última Ordem do Exército, foi condecorado com a medalha de Ordem de Mérito Militar, o nosso prezado amigo e colaborador sr. capitão Vitor Castella, pelos bons serviços prestados nas nossas províncias ultramarinas.

Por tal motivo endereçamos-lhe as nossas cordiais felicitações com votos de muitas prosperidades em terras portuguesas de Luanda.

TROVA

São más as bocas do mundo
Tão dispersas como estão?
E quantas bocas unidas
Não geram a perdição?!

Isidoro Pires

O SENHOR DIRECTOR-GERAL DA FAZENDA PÚBLICA

visitou TAVIRA

(Continuação da 1.ª página)

visitou diversas tesourarias da Fazenda Pública do Algarve tomando conhecimento directo com o funcionalismo seu subordinado dos problemas de maior interesse e dos seus anseios pessoais.

Na noite de 9 do corrente chegou a Tavira, tendo-se instalado na Pensão Arcada. Na manhã do dia seguinte após ter apreciado os pontos turísticos da cidade, visitou a Tesouraria da Fazenda Pública, visita honrosa que os funcionários agradeceram, pois, num largo espaço de 30 anos, nunca um Director-Geral se tinha dignado tomar tão significativa quão simpática iniciativa. O senhor Dr. António Cândido de Mouteira Guerreiro que julgamos ter ficado bem impressionado com a cidade, seguiu com rumo a Lisboa.

APRECIACÕES AO POETA EMILIANO DA COSTA

(Continuação da 1.ª página)

pobres que ele tratou gratuitamente não lhe conhecem os versos magníficos, de larga inspiração, conhecem-lhe, no entanto, a bondade, a generosidade, o sorriso confiante, e aquela disposição que transmite aos doentes, aquela indispensável dose de optimismo que é já um princípio de cura. Não conheço pessoalmente este poeta, mas estimo-o, sou seu amigo, admiro-o pelo seu talento, pela sua inspiração e por esse apego à sua terra e à sua província. Os verdadeiros algarvios são tão apegados ao seu terrunho natal, como os açorianos são agarrados aos calhaus e à Terra Morena das suas ilhas.

Quem me tem falado, com embevecimento, do poeta Emiliano da Costa, é outro médico distinto, o meu velho querido amigo, dr. José Aboim Ascensão Contreiras. Deu-me a ler poesias do seu conterrâneo, de quem o dr. Joaquim Magalhães, illustre presidente do Círculo Cultural de Faro, disse isto, textualmente, ao prefaciar-lhe o livro «Assa», publicado em 1957:

«Emiliano da Costa é, na verdade, sem possível contestação, um poeta e um poeta cuja obra, mais que a de nenhum outro, nestas terras tem nascido, merece ser considerado como expressão do Algarve. Como expressão poética da realidade física desta província e como expressão poética que é a vida e o modo de ser da gente algarvia. Emiliano da Costa é, sempre tem sido, desde o início da sua magnífica aventura poética, um cantor da vida.»

Há anos, em Tavira, os seus amigos e conterrâneos promoveram-lhe uma homenagem. O Poeta agradeceu-a com este soneto escrito ao correr da pena, sem um laivo retórico:

Doido fico por ti linda Tavira...
O que diseste agora são abraços:
Que eu bem sinto apertarem-me os teus braços,
Cá dentro como ainda não sentia.

Amor, saudades, gralhão — pedregos
De mim mesmo, de quando aqui me vira
Menino e moço, e longe de Tavira,
Longe de mim, dos meus primeiros passos...

Aqui a rua, a casa... olha a varanda!...
O rio além, descendo lá da serra...
Olha a ponte a passar prá outra banda...
Tavira toda — um sonho à beira-mar!
Ah! Como não havia eu de ficar
Assim — um doido pela minha Terra!

Médico distinto e poeta de raízes algarvias, Emiliano da Costa é um exemplo de fidelidade à sua terra. Tudo é milagre de Deus à sua volta: a paisagem, o mar, o coração do povo! Os seus versos são também um milagre de autêntica poesia.

Lisboa, 7 de Janeiro de 1965
Rebello de Bettencourt

Crónica de Lisboa

cérebro e não encontramos sequer a menor chama de inspiração.

Mas era preciso escrever a crónica para o «Povo Algarvio». O Virgínio Pires não nos perdoaria se o não fizéssemos.

Nadal Passamos as mãos pelos cabelos. Tornamos a fitar os olhos no relógio impertinente que continuava infatigavelmente a cantar a melodia do seu tic-tac enervante. Caminhamos até à janela. A noite embora fria, estava bonita. Ao fundo a cidade resplandecia de luz. O Céu, claro e sem nuvens estava repleto de estrelas. Pensamos em mil coisas que gostaríamos de escrever recordando momentos passados nessa cidade do Gilão, onde:

*A ponte dos sete arcos,
Espelhada na corrente,
Remira enleadamente,
Esbeltos, vistosos barcos!*

Voltamos de novo, depois de fechada a janela. Ali perto ouvem-se as badaladas dum relógio distante. Parecem-nos ser as do velho relógio de Santa Maria do Castelo. E logo nos acode à mente o querido amigo Dr. Renato Graça, vestido de «velho», quando — já lá vão tantos anos — terminava uns versos do Virgínio Pires, na 1.ª revista do Orfeon recordando o velhíssimo «Relógio da Torre», dizendo:

*Apesar de tão caçado,
Eu hei-de, enquanto puder,
Contar com todo o cuidado,
O tempo que tem passado,
E as horas certas dizer!*

... Anos depois o velho relógio da Torre deu a alma ao criador. Uma determinação Camarária «abatia ao efectivo» aquele que fora motivo para uma rábula da Revista «Na Terra de D. Paio», determinando que em seu lugar outro «jovem» relógio, mais moderno no mecanismo, na concepção e na forma dos seus números e ponteiros, surgisse no alto da velha Igreja de Santa Maria para anunciar à cidade, as horas de cada dia!

Não nasceu sob bom signo. Nunca mostrou a robustez, a precisão e a regularidade daquela que o antecederia. Era uma autêntica «cabeça louca». Os seus ponteiros, — o grande e o pequeno — nunca se entenderam... nem mativeram relações de camaradagem com o badalo do velho sino! Viviam em eterna discórdia... Quando os ponteiros marcavam as 3 horas da tarde... o sino dava as 12 badaladas! Quando ouviam a meia-hora o ponteiro marcava 8 horas! Nasceu... Viveu... e parece que morreu sem nunca ter cumprido fielmente o seu destino visual e sonoro!...

Coitado! Quem nos diria a nós que quando um dia na antiga Central Eléctrica da Corredoura, desenhámos no chão, a giz, a forma dos números e ponteiros do «novo relógio», — donde haviam de sair os moldes para a sua execução — que ele havia de ter uma duração tão efémera!
Não há dúvida!

*O tempo passa a correr,
Corre, corre e nem sequer,
Se detem por um segundo.
Parece que vai cumprindo
Cruel promessa, fugindo,
Em seu silêncio profundo!*

Reina agora o silêncio no alto da Torre! Dir-se-ia que o tempo pode parar como pararam os ponteiros que um dia, a giz, desenhámos nos mosaicos do chão duma Central que já não existe!

Não! O tempo não pára! A pouco e pouco vamos caminhando para o fim duma jornada que não é igual para todos, mas que, mais dia, menos dia, terminaremos!

Entretanto temos que escrever alguma coisa. Mas o quê? Fogem os minutos. Repara-

mos agora que quase mecânicamente transmitimos ao papel algo que vinha à nossa lembrança.

Vamos de novo à janela. Olhamos o Céu e a cintilação dos astros. Pensamos no infinito e no mistério da vida. Sentimos que somos imensamente pequenos neste Mundo que é tão grande.

Então correu-nos o que dizia outro Poeta amigo acerca do velho Relógio dessa Tavira distante:

*Ouvindo as horas na Torre,
Quanta saudade me traz,
Do meu tempo de rapaz,
O som que se esconde e morre!*

TOTOBOLA

24.ª jornada 21/2/1965

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Benfica — R. Madrid	. 1
2	Porto — CUF	. 1
3	Varzim — Leixões	. x
4	Setúbal — Sporting	. 2
5	Seixal — Lusitano	. x
6	Lamas — Famalicao	. 1
7	Leça — Marinhense	. 1
8	V. Real — Boavista	. 2
9	Covilha — Salgueiros	. x
10	C. Piedade — Beja	. 1
11	Sintrense — Farense	. 1
12	Luso — Almada	. 1
13	Barreirense — Atlético	. x

Jorge Cruz

Verdades que Ferem

(Continuação da 1.ª página)

rior, mostrando bem que é um dos homens que foi posto no lugar próprio:

«Esta palavra traição é dura e fere, por vezes, a sensibilidade de muita gente. Não há, porém, outra que designe com maior justiça e propriedade a actividade e a posição ideológica dos que servem os designios dos inimigos da Pátria, aberta ou insidiosamente.

Pois não é traição fomentar por todas as formas a desordem e a subversão interna quando na frente da batalha lutam, sofrem e morrem soldados de Portugal? Pois não será traição ignorar ou minimizar o valor das nossas Forças Armadas pondo em dúvida a sua dedicação e o seu espírito de luta nas terras do Ultramar? Pois não será traição que com rebeldes ou traidores à Pátria se possam estabelecer quaisquer «negociações políticas»? Pois não será traição insinuar ou propagar que de vemos seguir o exemplo de poderosas nações que se demitiram do seu lugar em África e da sua missão no Ocidente e agora não entendem ou não querem entender a nossa firmeza no propósito de defender a todo o preço o que gerações de cinco séculos nos legaram como património inalienável? Pois não será traição vivermos na inconsciência do que se passa no Mundo Português, e cruzarmos os braços entregando-nos a uma vida fútil de mero prazer e desperdício? Pois não será ainda traição abrimos as portas dos nossos lares, à insidiosa e subtil propaganda comunista, com abdicações e condescendências comprometedoras? Na prevenção e na luta contra estes actos conscientes ou inconscientes de traição, devemos, todos nós portugueses, constituir uma irredutível e firme frente nacional e impedir que a especulação à volta de dificuldades económicas e financeiras, a deturpação e a crítica meramente destrutiva e demagógica de certas medidas governativas, o boato e a insidia fomentem ou criem um clima propício à descrença e ao derrotismo. Trabalham na sombra e querem dar-nos, até, a falsa impressão de terem renunciado à luta, mas nós sabemos que não desistiram e que mantem firme o

OS ANTIGOS QUINTAIS

(Continuação da 1.ª página)

zertava arbustos e pequenas árvores, regava, transplantava, com que prazer, com que paz, de coração, com que saudável proveito, para o corpo e o espírito!

Ali se ia buscar a alface acabada de colher, a hortelã e a salsa que entravam na cozinha à hora própria de servirem, com todas as propriedades vivas e frescas. Ali se ia buscar o rabanete, a salva, a lúcia-lima para o chá, o ramo de rústicas catrenocas para pôr na jarra, ou as ervilhas de cheiro que se levavam de oferta a alguém amigo.

Pela época da fruta, de lá se colhia o balaio dos figos ou das ameixas, os lindos cachos de uvas que, orgulhosamente, se oferecia ao vizinho, ao compadre, ao professor do menino ou ao simples conhecido a quem se pretendia obsequiar.

As tronças altas, as hastes caídas armazenavam sol, fabricavam oxigénio, purificavam o ar da cidade e embelezavam a paisagem urbanística que se amenizava, diluindo as arestas cruas dos edifícios nas verdes manchas que a rodeavam.

Mas vão desaparecendo os quintais das casas da provincial...

O quintal dava ao a criação de animais, com razão chama-

dos domésticos.

Era a mula entrando pela porta traseira e enchendo a vizinhança com o guisalhar alegre das estradas. A papeira, onde se debatia o alegre e colorido bando de asas das pequenas criaturas felizes. bulicosas, cacarejantes, com o chefe que logo de manhã chamava pelo Sol e pelo dia, alegre e despreocupado. De mais longe grasnava algum pato ou ganso, o cãozinho ladrador comunicava com o seu semelhante em latidos de desafio, como as vizinhas de parede a parede comunicavam, como o criado duma casa catrascava a sopeirinha geitosa que no outro quintal ensaboava e lhe mandava, imagem do seu ingénua coração, um cravo vermelho, colhido do canteiro.

Vivia-se e convivia-se de quintal para quintal donde os os cumprimentos e notícias voavam como as borboletas brancas e as abelhas doiradas. Que pena e dano suprimirem-se os quintais!

Havia óbices a que talvez se convencionou pôr cobro:

— Ai, a nossa Mimi inocente a repetir as inconveniências que os rapazes aqui do lado dizem, no quintal, quando jogam ao eixo! Como se há-de agora lavar a memória da menina de tais palavras soeses, sem lhe aplicar o «omo» duma boa roda de açoites?!

Outro inconveniente: O bife inteiro que marinava de vinho e alhos e se destinava ao melhor garto da casa, ei-lo que voa pela porta a fora nos beiços arreganhados da gata amarela, que o vai partilhar com os seus gemiozinhos, todo o dia a brincar no monte de entulho já limoso. Há dois dias foi uma posta de bacalhau, a semana passada uma linguça e as visitas da gata, feitas as contas, valem por um foro. Tempestade doméstica em dó menor, com recitativos das inconveniências do descuido... dos donos da gata e lamentações sobre a ineficácia dos vidros partidos na parede e do novelo de tojos.

O lulu da Pomerânia que todo o dia ladrava, não deixava estudar o portento do nosso Quinzinho e zás, lá foi ano perdido! Os donos do animal haviam de pagar indemnização. Ou, então, a galinha crespa que anda à solta pulou para o nosso quintal e estragou o viveiro das cinerárias ou comeu os coentros do canteiro. E foi como se uma horda de bárbaros devastasse uma província dum império de pigmeus.

Ditos indirectos, amuos, quebra de relações. Possivelmente a supressão dos quintais terá por fim estabelecer bases mais sólidas duma paz mundial e harmonia social.

Então valerá a pena.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que Alberto Santos Pereira Rocha, requereu licença para instalar um fabrico de telha, tijolo e ladrilho, incluído na 3.ª classe, com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio, situado na Fonte do Bispo, freguesia de Santa Catarina da Fonte do Bispo, concelho de Tavira, distrito de Faro, confrontando a Norte com José Teixeira, Nascente com Manuel Domingos, Sul e Poente com Caminho.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2º (Edifício da Mutualidade Popular),

Faro, aos 3 de Fevereiro de 1965

O Engenheiro Chefe da Circunscrição,

João António da Silva Graça Martins

ESTE SEMANÁRIO É TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA



AS FESTAS DO NATAL, ANO BOM E REIS NO ALGARVE

SUBSÍDIOS DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE (3)

por J. Fernandes Mascarenhas

Esse madeiro de que falamos que, no norte, arde à porta dos templos durante a Missa do galo como já tivemos o prazer de verificar pessoalmente, simboliza Cristo que é o «verdadeiro Sol Divino que venceu pelo seu nascimento as trevas do pecado e do demónio!» Na liturgia Síria de Antioquia, segundo Mons. Estêvão Rahal, Vigário Geral do Arcebispado católico da Síria durante a Missa quando se lê no Evangelho «Glória a Deus nas alturas...», o celebrante interrompe a Missa e com uma vela acende uma pequena fogueira no meio da igreja; depois toma o Menino Jesus nas mãos sobre um pano de seda e com todos os fiéis assistentes dá três voltas à roda desse fogo enquanto o coro entoia «Glória a Deus» em sírio. Após esta procissão vai colocar o Menino Jesus no presépio da igreja.

Esta cerimónia, segundo o referido sacerdote sírio, remonta a 15 ou mais séculos. Claro que os pagãos já festejavam o solstício do Inverno com fogos de alegria, isto é, para simbolizar a vitória da luz sobre as trevas, dado que em 25 de Dezembro os dias aumentam e as noites diminuem.

A igreja síria adaptando esta cerimónia não fez mais do que cristianizar um costume muito antigo da vida dos povos, enriquecendo-o de significado e o povo repete muitas vezes esta prática tradicional com desconhecimento do seu verdadeiro significado. (Vide *O Natal em Damasco*, jornal «Novidades», de 12-12-1959).

Ao mesmo tempo que o madeiro arde à porta dos templos, nas chaminés, os sapatinhos estão esperando a meia-noite. E' que o Menino Jesus virá distribuir muitas ofertas às crianças que, durante o ano, tivessem sido obedientes aos seus pais e professores.

Este costume, originário de outras províncias do País, está porém mais radicado nos centros urbanos do que nos rurais.

IV — NO DIA DE NATAL

Na manhã seguinte, todos envergando os seus melhores fatos, se dirigiam para o templo a assistir à Missa da festa, que, nas povoações onde existiam filarmónicas, era abrilhantada pelas mesmas, assim como a Missa da meia-noite.

Depois da Missa da festa, seguia-se a arruada pelas povoações dando as boas-festas. Todas as portas das casas ricas e remediadas (estas em maior número no Algarve), se abriam para obsequiar os filarmónicos com bolos folhados (os bolos do Natal), vinho e laranjas. A primeira casa a visitar era a do chefe espiritual da freguesia — o senhor Prior. E os sinos repicando, continuamente, davam às terras um ar festivo e alegre por ter nascido o Redentor.

Na tarde, havia o jantar com a família toda reunida.

V — REPRESENTAÇÃO DOS AUTOS SACRAMENTAIS

Na noite, seguia-se a representação dos Autos Sacramentais, uma adaptação dos *Autos Sacramentales* espanhóis, o que aliás não admira, dada a proximidade do Algarve a terras andaluzas, ou então os autos portugueses de sabor vicentino.

Os ensaios preparatórios de tais autos, que fizeram o encanto de algumas gerações que nos precederam, começavam meses antes para saírem na perfeição.

Nesses autos colaboravam muitas famílias das aldeias onde os mesmos tinham lugar. Espectáculos ingénuos de certa beleza, iniciavam-se pouco depois do sol se pôr e prolongavam-se até tarde. Era uma das excepções, visto ser hábito toda a gente, a não ser os noctívagos, que sempre os houve, se deitar logo após o toque das almas (21 horas), depois de se ter orado pelos mortos queridos.

Um desses autos conhecemos nós que, uma vez estudado e devidamente comentado gostaríamos de o publicar acompanhado de algumas das suas músicas, que não se encontram escritas mas que, felizmente, as temos gravadas num rolo de fita magnética. São de certo modo interessantes e hoje quase ninguém as conhece. Eram-nos cantadas pela nossa avó materna, que tinha feito o papel de anjo nesse referido auto, representado em Moncarapacho.

(CONTINUA)

MISERICÓRDIA DE TAVIRA

AGRADECIMENTO

A Mesa da Misericórdia de Tavira, vem muito penhorada agradecer à Ex.^{ma} Comissão de Senhoras da festa realizada no passado domingo a favor do Hospital do Espírito Santo, o donativo da importância de 1 000\$00 que se dignou conferir-lhe como produto da mesma.

Mais de que às Ex.^{mas} Senhoras D. Hilda Cansado, D. Regina Sousa, D. Valentina José e D. Maria Trindade Cansado, esta Mesa cumpre-lhe agradecer também a todos quanto num gesto de simpática solidariedade pelo semelhante e de espontânea colaboração com esta Mesa se dignaram contribuir para aquele donativo.

Posto Clínico Veterinário

Continua a funcionar no Grémio da Lavoura, das 15 às 16 horas, com entrada pela Colçada de Santa Ana. Consultas gratuitas para os animais doentes de raça bovina de trabalho, equina, asinina e híbrida.

Este número foi visado pela Censura

Futebol Corporativo

Realizou-se o sorteio da 2.^a fase do campeonato distrital da FNAT tendo ficado marcados para hoje, os seguintes encontros:

O grupo desportivo da Casa do Povo da Luz com o da Casa do Povo da Conceição de Faro e o da Casa do Povo de Mexilhoeira Grande com o da Casa dos Pescadores de Portimão.

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

PROGRESSO? DUVIDAMOS! LAGOS

Retratada

A nossa Avenida...

Não compreendemos, por mais que bradamos aos «eventos» para que estes possam levar perante as entidades competentes a ressonância da nossa fraca voz, ela não foi ainda devidamente captada! Estamos em crer que a frequência da nossa voz, é diferente do aparelho receptor, ao qual pensamos esteja sido dirigido para a sua respectiva captação... Enfim, não compreendemos lá muito bem a razão de semelhante anomalia de aliás, já teríamos sido atendidos e os problemas, para os quais vimos clamando justiça, definitivamente resolvidos.

Os arbustos da dita Avenida dos Descobrimientos para ali estão desprezados e desempenhando um tristíssimo papel, encobridor da vergonhosa acção dos inconscientes, os quais tendo bem perto uma retrete pública, fazem as suas desprezíveis necessidades na dita Avenida, a coberto desses mesmos arbustos!

Se ao menos esses pobres arbustos fossem tratados, limpos das suas ramificações prejudiciais ao seu devido desenvolvimento, tristemente arrastados pelo chão da mesma Avenida, ainda podia ser que esses tais inconscientes miseráveis, tivessem algum retratamento e fossem fazer as suas necessidades onde devem ser feitas. Mas encontrando se a Avenida entregue a semelhante abandono, aquilo é mais um campo de pelinrice, onde se nota toda a qualidade de lixo e para onde os cães acarretam ossadas pútricas e também ali fazem as suas necessidades distintas, deixando em todo o longo relvado um quadro bem digno de repulção e até de dó!

Parece, até, que essa nobre e gloriosa figura do Infante D Henrique, do seu pedestal, está contemplando conflagrado e triste, todo aquele estado de coisas e, no seu monótono silêncio sentenciosamente: — Parece mentral Então, é assim que esta gente gloriosa e respeitosa o muito que fiz por esta terra? Eu, que tanta glória lhe dei, e que aqui estive tantos anos sepultado, não querendo viver e morrer na terra onde nasci! Dignifiquem, pois a nossa Avenida!

Quadra Carnavalesca...

Estamos na quadra Carnavalesca; outrora, em Lagos, nesta época, tudo era alegria, um alegria brutal, estúpida, onde cada qual tentava praticar o maior mal possível ao seu semelhante. Era o campónio que, matreiramente, ao deparar com certa inoédia abandonada na rua, tentava apoderar-se dela, ficando então exposto às gargalhadas sonoras e escarneckedoras dos seus algozes, porque as moedas estavam bem presas ao chão e o dito campónio ficava então deveras confuso.

Muita vez, esse campónio embora desconfiado, ao cruzar qualquer rua, sentia o seu chapéu novo sumir-se, rápido, no ar! Era então, que dava lugar a uma cena divertida: o homem tentava agarrar, aos saltos, o seu chapéu, as-

(Continua na 3.^a página)

Colónias de Férias da F.N.A.T.

Para conhecimento dos interessados, informa-se de que a inscrição dos beneficiários da F.N.A.T. que desejem frequentar na próxima época balnear as Colónias de Férias portuguesas e espanholas, é efectuada durante o mês de Fevereiro p. f.

Esclarece-se que os beneficiários que pertencem a organismos que têm pavilhões privativos nas Colónias de Férias e os desejem frequentar, devem fazer as suas inscrições dentro do citado mês de Fevereiro - 1 a 28 - nesses organismos.

Os boletins de inscrição encontram-se à venda na Sede da FNAT em Lisboa e nas suas Delegações.

Subscrição para as obras de restauro da igreja de Santo António

Já ficaram concluídas todas as obras de restauro da igreja de St. António, graças à boa colaboração de todos os devotos e à boa vontade da confraria:

Assim a verba alcançada foi a seguinte: 2 524\$50.

Oferta de várias senhoras e cavalheiros, verba já em poder do presidente da confraria: 245\$00.

Soma: 2 769\$50

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Fianco.



Ainda há pouco tivemos oportunidade de «embandeirar em arco» ao tomar conhecimento de que a Volta a Portugal, como sempre desejamos, se ia real-

izar em 1965 sob a égide duma cadeia de jornais,

LIBERTO CONCEIÇÃO

possibilitando, portanto, uma maior expansão e deixando antever uma série infindável de novas idéias, novos recursos técnicos, novas possibilidades económicas, etc.

Tudo nos indicava que a Volta de 1965 só poderia trazer-nos uma melhoria sensível — para além do que se prevê no capítulo de «organização» e de... «escudos» — aumentando em todos os aspectos o progresso da modalidade que é, afinal, para além de tudo o mais, aquilo porque anseiam os amantes do ciclismo. Parece que nos enganamos! Já hoje temos que pôr a bandeira do nosso idealismo a «meia-haste»!

O PREÇO DO PEIXE

DIA a dia, a propósito não se sabe de quê, o comércio altera os preços usuais dos artigos que oferece ao público. Alega-se que, mesmo caro, tudo se vende, alegação que não parece justificada pois o motivo da venda significa a necessidade de quem compra e o abuso que o comerciante exerce em face dessa necessidade.

Focamos, hoje para justificar a nossa afirmação, a exorbitância que tem atingido o custo do peixe, género de primeira necessidade, estilizado em terras do litoral, sem, portanto, acréscimos de transporte e embalagens especiais.

O peixe colhido nas águas do Algarve é levado para longe e as povoações de fácil acesso à costa ficam sem ele ou com diminuta porção, para justificar a carestia, tramóia há muito adoptada pelo comerciante minaz quando, com pouco trabalho e sem arriscar capitais, deseja elevar o produto dos ganhos.

Pedimos às competentes autoridades, de quem depende o assunto, uma tabela efectiva, segundo espécies, tamanho e grau de conservação.

O peixe fresco não é luxo para que se lhe aumente o preço, muito menos significa luxo adquirir certos peixes que todos os doentes podem tolerar e que em geral atingem cota superior à da bolsa do empregado público que não auffera vencimento comportável com a provisão de peixe que tem necessariamente de proporcionar à família, em virtude da carestia da carne. Nem a carestia desta deve servir de ponto de partida para a carestia do peixe, pois para a carne à que atende à criação do animal, ao passo que para o peixe é suficiente considerar a captação e a venda ao revendedor, que se não compara com a tabela por ele exigida.

Acrescenta-se ainda a insuficiência das balanças que não permitem a compra de menos de do quarto de quilo, e o motivo de se não vender o peixe grado às postas como se faz em terras menos civilizadas que a nossa.

Assim, e pelo exagerado custo que atinge, a própria classe média fica inibida de provar a maior variedade dos peixes da nossa costa que, mesmo antes de abastecerem o mercado, abalam para o interior, para os hotéis, deixando as peccas vazias e os compradores... a ver navios ou, antes, traineiras ao largo e dificuldades ao perto, para viver dos seus ordenados, parcos, em face da carestia da vida.

Cinema Santo António FARO

Hoje, em matine e soirée, *A Espada Vermelha*, (epopeia) 12 anos.

Terça-feira, *As Aventuras do Capitão Wyatt*, com Gary Cooper e *Do Compet ao Tango*, 12 anos.

Quarta-feira, *Jessica*, a perdido e *O G. neral era Soldado* estreia, com Robert Mitchum, 17 anos.

Sexta-feira, *A vingança dos Mortos e Sangue do meu Sangue*, 12 anos.

Sábado, de tarde e à noite, *Com jeito vai... de Táxi*, (colorido) e *Uma bala para Joy*, 12 anos.

(Continua na 3.^a página)